



SOMOS HÚMUS

WE ARE HUMUS

Diego Dionísioⁱ
DEART/UFRN
Regina Johasⁱⁱ
DEART/UFRN

RESUMO

“Somos húmus” é uma investigação artística que endereça questões da natureza na era do Antropoceno. Pensar na coexistência do corpo humano com outros organismos vivos parte da urgência de vozes vegetais, em estado de esgotamento por práticas violentas contra as existências das florestas. Essas práticas construíram uma relação de distância entre os animais humanos e os outros seres. Através das relações dos corpos com os organismos da terra, busco pensar em caminhos de aproximação multiespécies, construindo diálogos visuais e proposições para ir na contramão da devastação capitalista e pensar na construção coletiva da reconexão entre todos os seres vivos.

PALAVRAS-CHAVE

Arte e antropoceno. Vozes vegetais. Coexistência com a floresta. Atravessar musgo. Instalação.

ABSTRACT

"We are humus" is an artistic investigation that addresses questions of nature in the era of the Anthropocene. Thinking about the coexistence of the human body with other living organisms stems from the urgency of plant voices, in a state of exhaustion due to violent practices against existence in the forests. These practices have built a relationship of distance between human animals and other beings. Through the relationship between the bodies and the organisms of the earth, I try to think of ways of bringing multi-species closer together, building visual dialogues and propositions to go against capitalist devastation and think about the collective construction of reconnection between all living beings.

KEYWORDS

Art and the Anthropocene. Plant voices. Coexistence with the forest. Crossing moss. Installation.

Sempre estive em movimento pelos lugares, em trânsito pelas cidades interioranas ao redor de Natal, principalmente em Ceará-mirim e Montanhas, por sítios de familiares com muitas árvores, animais e pessoas. Mantenho, como herança dessas lembranças, uma aproximação íntima com ambientes que eu possa tocar com as mãos, como a areia ou a terra. Adubar as plantas, cuidar e brincar com os animais desses sítios fazem parte desse passado. Essas memórias me levaram a pensar



sobre as diversas vozes vegetais que permeiam os lugares onde cresci, sobre meu percurso nesses lugares-floresta. Mais recentemente encontrei, durante meu processo em arte e a partir dessas experiências vividas, a necessidade de recuperar a compreensão de que somos natureza coexistente, vivemos entre espécies companheiras. E tendo em vista as questões ambientais que nos afligem, passei a elaborar sentidos que estruturaram a construção de narrativas de resistência da floresta. A investigação parte, portanto, da reflexão sobre questões da natureza na era do Antropoceno.

Como se sabe, o termo Antropoceno vem sendo usado para referir-se a uma era geológica caracterizado pelos efeitos do impacto da atividade humana nos ecossistemas da Terra, tais como alterações climáticas ou como a devastação de florestas, entre outros problemas. Segundo Donna Haraway, o termo Antropoceno vem do contexto da geologia nos anos 2000, quando foi

cunhado pelo ecologista Eugene Stoermer e pelo químico atmosférico Paul Crutzen, vencedor do prêmio Nobel, para se referir à influência do comportamento humano na atmosfera, litosfera e hidrosfera da Terra nos últimos séculos, e foi proposto como nome para uma era geológica, tendo sido adotado por artistas, humanistas, políticos, cientistas e imprensa popular. ... Precisamos um termo que possa salientar a urgência do impacto da ação humana neste planeta, cujos efeitos passaram a ficar literalmente gravados nas rochas. Como evidência desse atual "evento" de extinção em massa, qualquer geologista do futuro encontrará a química sintética da DuPont na composição das rochas e das corporações farmacêuticas e petroquímicas multinacionais na hidrosfera. A hidrosfera, a litosfera, a atmosfera, todas as esferas, os múltiplos mundos da terra mostrarão o efeito das atividades dos seres humanos industriais. (HARAWAY, 2015, p. 258).

As histórias de ambientes devastados e formas de existência severamente impactadas — desmatamento acelerado, aquecimento global, acidificação dos oceanos, erosão da biodiversidade e dos solos — são os marcos dessa nossa era geológica. Para Haraway e muitos outros pensadores e pesquisadores, seguimos enfrentando os projetos de aprisionamento e extinção de modos de vida, de luta pela terra dos que foram dela expulsos, em um cenário político em que os governos dão as mãos ao agronegócio. A concepção da natureza como “recurso” a ser explorado está profundamente ligada à catástrofe ecológica promovida pelas atividades



humanas baseadas no modo de vida capitalista. Tal é o contexto em que se desenvolveu, em meu processo artístico, o interesse pela vida vegetal e pela importância central que as plantas ocupam no debate acerca da crise ambiental, climática e ecológica em curso, com seus desafios para os coletivos humanos e não humanos. As plantas são nossas ancestrais mais velhas, de acordo com o filósofo Ailton Krenak:

elas são mestras, elas nos ensinam. Vamos ter que reeducar a nós mesmos para nos desfazer do tanto de preconceito que já foi instituído sobre os seres planta, porque eles foram tratados por muito tempo como coisa, e a nossa experiência de tratar o outro como coisa foi o que produziu a escravidão, foi o que produziu e sustentou essa de que alguns de nós é melhor do que o outro. É uma visão no humano e ainda centrada em uma visão de cultura europeia... Não é suficiente que você reverencie as plantas, é importante que você reverencie também o outro ser que você encontra. (KRENAK)ⁱⁱⁱ.

Aprendemos a escutá-las de diversas maneiras, mas perdemos o controle sobre formas de troca com o mundo vegetal. Serão as plantas um guia para reprogramar o relógio do tempo, do desenvolvimento e do progresso, aliado ao crescimento dos seres que vivem de formas diferentes?

Essas investigações conduziram à criação do trabalho “Mãos que devoram”. Trata-se de um projeto que pretende indagar como nós, humanos, dividimos a Terra com outros corpos e organismos não humanos. Mergulhando nas relações de um corpo que se envolve com a natureza, seja ela planta, fruta ou outros organismos, a investigação parte da noção de que somos natureza coexistente, e que deixamos de entender isso por muito tempo ao criarmos uma relação de distância com os seres existentes no planeta, como parte de um único mundo vivo.

“Mãos que devoram” consiste numa videoinstalação, composta por uma vídeo-projeção e uma frase adesivada na parede, abaixo da projeção. São imagens que mostram inicialmente uma feira ao ar livre com pessoas em movimento pelo espaço público, e dando continuidade, surgem mãos que acariciam um jerimum, e evoluem para uma interação do corpo com a fruta, numa ação de troca de afeto e demonstração de intimidade com essa espécie companheira. O som foi feito a partir



da gravação da própria feira, dos gritos dos feirantes anunciando os produtos à venda para a clientela.

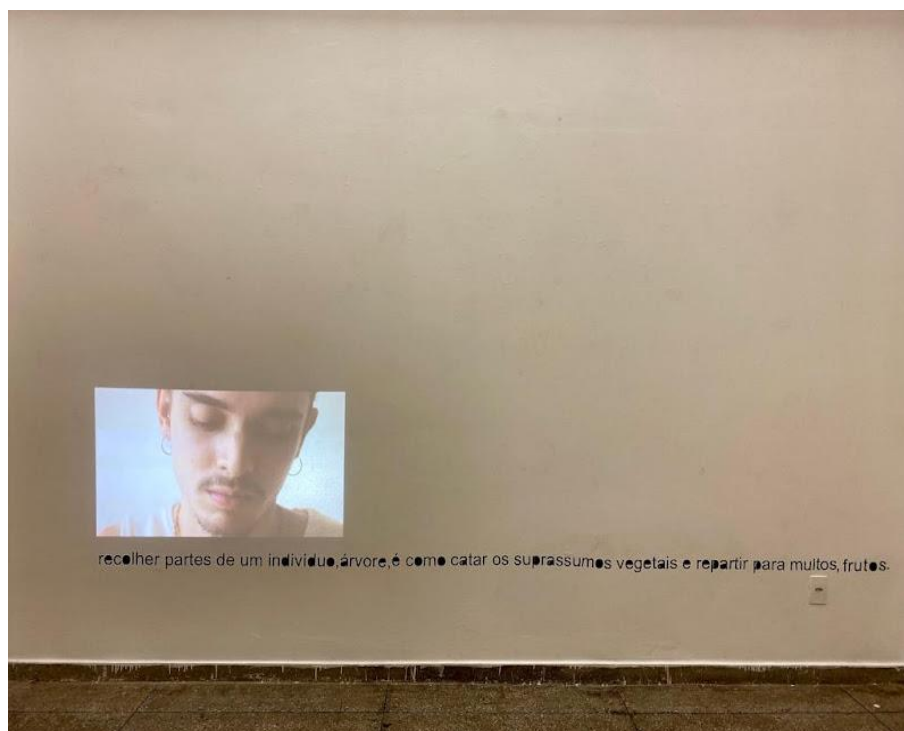


Imagem 1. Mãos que devoram, 2022, videoinstalação. Exposição Zeitgeist 3.0, DEART, UFRN.

Foto: Regina Johas

“Mãos que devoram” tem como intenção fazer uma crítica às condições de devastação impostas pelo Antropoceno, e também ao modo como nossas relações coletivas são atravessadas por essas condições. Busco pensar numa cartografia para que possamos nos reconectar com o planeta vivente. A cartografia dos nossos caminhos sensíveis deve ser criada a partir de relações que estabelecemos aqui e agora, relações entre todos os corpos e organismos que habitam a Terra.

Vejo conexão dessa minha vivência com um termo citado por Haraway: “fingereyes” (olhos-dedo)^{iv}, o qual se refere a uma visualidade háptica. Ou seja, uma visualidade tátil, um “devir-com ou estar-com” em oposição a observar de fora. Visualidade háptica seria igual a fazer com o corpo, com as mãos e com a boca. As experiências com a fotografia, meu corpo e elementos da natureza, como por exemplo nesse trabalho “Mãos que devoram”, são a expressão de uma vontade de ver com o corpo.



Imagem 2. Mãos que devoram, 2022, frames do vídeo

As experimentações foram se consolidando cada vez mais, e surgiu a necessidade de investigar, em minha prática artística, outras linguagens e materialidades que pudessem dialogar com aspectos teóricos de minha poética. Explorei misturar elementos e envolver textos, desenhos, rascunhos e experimentações sonoras. Pesquisei pigmentos naturais para a fabricação das tintas, a partir da mistura do urucum e açafrão com água quente e cola. Os novos procedimentos, em que fui testando materiais nunca antes usados, se tornaram aliados.

Aqui surge a performance “Traços, traços, colheita”, em que utilizo elementos vegetais para construir um mapa de afetos — uma cartografia a partir de memórias, lugares e espaços constituídos de vegetação, rios e mares —, buscando assim construir afetações e respostas às urgências ambientais.

Em “Traços, traços, colheita” procuro caminhos que transitam entre as diferentes temporalidades de lugares vividos internamente e externamente, que se materializam em mapas inventados a partir de textos, desenhos, rascunhos e experimentações sonoras. Esse trabalho propõe abriremos um espaço para percebermos o tempo, o caminho que percorremos e as relações que criamos a partir desses atravessamentos. Linhas, manchas e textos formam cruzamentos de histórias, um grande mapa de rotas dos caminhos de cada um.



Imagem 3. Traços, traços, colheita, 2022, performance, DEART, UFRN. Foto: Lígia Pracías

Roteiro da performance “Traços, traços, colheita”:

1. Começo preparando as tintas e caminho em direção ao tecido de algodão cru, suspenso entre o teto e o chão.
2. A seguir caminho ao redor do tecido, realizando movimentos de brincadeiras infantis e do jogo de capoeira.
3. Vou então em direção às tintas e do carvão vegetal e com as mãos, começo a passá-las na superfície do tecido, construindo linhas e textos configurando rotas de um mapa cartográfico.
4. Após um tempo inicial em que fico construindo essa cartografia, abro espaço para participação.
5. O público passa a entrar e interferir na construção da cartografia.
6. Finalizo a performance novamente caminhando três vezes ao redor do tecido.



Imagem 4. Traços, traços, colheita, 2022, performance, DEART, UFRN. Foto: Lígia Pracías



Corpo-território-jardim

Como reflete a pensadora Haraway, as evidências dos "eventos" de extinção em massa são extremamente preocupantes pois acarretam no presente — e irão acarretar no futuro — consequências irreversíveis. Haraway elabora outros conceitos, além de “fingereyes”, para propor sobrevivermos nesse mundo ameaçado, conceitos como “reponse-ability”, “sym-poiesis”, “humusification”. Comprometida com as multiespécies que estão sofrendo, Haraway propõe pensar futuros em que se re-conheçam animais e outros organismos, reformulando trajetórias de humanos num devir-coletivo. Segundo Martha Kenney, sua entrevistadora,

para Haraway, pensar, escrever e fazer o mundo é sempre o trabalho de sym-poiesis, de fazer juntos.... Os mundos em jogo — quer sejam terras decolonizadas, animais, pessoas ou as redes vulneráveis de recifes de corais — estão confusos e inacabados; o necessário trabalho de sym-poiesis promete novas formas de continuarmos juntos. (KENNEY, 2015, p. 255).

Tais conceitos passaram a dialogar cada vez mais com minha produção artística. Então uma forma-pensamento surgiu e configurou a base para os desdobramentos de minha pesquisa: corpo-território-jardim. O corpo como campo de construção coletiva da reconexão entre os seres vivos. Em sintonia com o conceito de “sym-poiesis” de Haraway^v, penso na coexistência do corpo humano com outros organismos vivos e na urgência de vozes vegetais^{vi} que se encontram em estado de esgotamento causado pelas práticas violentas contra as existências nas florestas.

Penso em formas de compromisso, participação e conexão dos seres a partir de e com as plantas. Busco me colocar em um sistema descentralizado, composto por corpos fúngicos^{vii} que se entrelaçam em redes, conectando raízes a diversos solos e seus minerais, em que seres compartilham do mesmo solo fértil: um mundo multiespécies^{viii}.

Nesse contexto surge a proposição “Atravessar musgo”. Trata-se de um projeto elaborado a partir da minha vivência com mudas de plantas da nossa região, especificamente as PANC - Plantas Alimentícias não Convencionais^{ix}. Elas



costumam se desenvolver em muitos lugares por serem resistentes, conseguindo nascer em canteiros de rua. São plantas com potencial alimentício e desenvolvimento espontâneo, porém não são consumidas em larga escala ou são utilizadas apenas em determinada região. Esse projeto gerou uma instalação e uma ação performática, nas quais procuro compartilhar meu interesse pelos seres vegetais e pela existência partilhada, que conecta a um só tempo todas as existências do planeta.

Para o projeto “Atravessar Musgo” recolhi e preparei várias sementes para que elas pudessem germinar e se desenvolver durante uma exposição. O crescimento das plantas prosseguiu na exposição pelo tempo em que ficaram expostas. A partir da preparação das condições propícias para que elas crescessem saudáveis, havia a expectativa sobre como elas conseguiriam se desenvolver naquele espaço.



Imagem 5. Atravessar Musgo, 2023, instalação. Galeria Laboratório, DEART, UFRN.

Foto: Luca Delmas

As mudas foram dispostas na galeria sobre caixas de madeira. Compondo a instalação, um texto com desenhos, impresso em papel, trazia informações acerca de cada PANC ali plantada, uma espécie de carta ou até mesmo receita sobre as importâncias alimentares e nutricionais das PANC, sobre como plantá-las, assim como quais alimentos podem ser preparados a partir das inúmeras e ricas características desses vegetais. Após a exposição, realizei uma ação performática para distribuir essas mudas para os quintais e jardins nos bairros Cidade da



Esperança e Felipe Camarão, em Natal. A ação foi uma proposição de interação com essas pessoas sobre espaços vegetais, de troca e compartilhamento do conhecimento sobre as PANC e suas inúmeras espécies.

A intenção em “Atravessar Musgo” era construir junto com o público o movimento de sentir a terra, pegar a semente, compreender, através dos “olhos-dedo”, que naquela pequena semente existem outros mundos que irão se multiplicar. Sentir com as mãos é criar mundos num coletivo possível de existir e de compartilhar.



Imagem 6. Atravessar Musgo, 2023. Foto: Diego Dionísio

Corpo-político-floresta

Ter a percepção do mundo a partir de outras partes do corpo pode transformar o modo em que nos relacionamos com nosso entorno. Amasso frutos, cavo o chão, risco cartografias para ir na direção das vozes vegetais, fúngicas e de outros seres que são passíveis de maior compreensão quando procuramos outras formas de observar. Os olhos e os ouvidos captam muito do nosso entorno, mas procurar ferramentas que façam perceber o mundo com outros sentidos pode nos levar a achados curiosos de vozes às quais não damos muita atenção. Entender novas



formas de percepção e como atingir as pessoas, para que dessa forma possam perceber e serem participativas no processo de mudança, criando outras relações e sentidos, introduziu para mim uma outra forma-pensamento importante: corpo-político-floresta.



Imagem 7. Atravessar Musgo, 2023, instalação. Galeria Laboratório, DEART, UFRN.

Foto: Diego Dionísio

Tenho como intenção levar as pessoas a serem ativas na criação e participação em meus trabalhos. A nossa capacidade de responder a estímulos não se distancia das escolhas que fazemos com nosso corpo-político-floresta. Penso o fazer junto construindo um corpo brincante e através de experiências que possam recuperar a compreensão de como a preservação da vida depende da interação entre espécies no mundo contemporâneo.

Em minhas produções tento aproximar a experiência humana com pequenos seres que estão ao meu entorno, por meio de produções utilizando vídeo, performance, fotografia e instalação. Quando faço conexões com esses seres minúsculos, musgos, frutas, plantas, micélios, raízes, até mesmo o chão, penso que cada um se constitui pela existência do outro.



Imagem 8. Atravessar Musgo, 2023, instalação. Galeria Laboratório, DEART, UFRN.

Foto: Diego Dionísio

Somos húmus

Para finalizar, ainda na trilha de Haraway, acredito haver um grande potencial em nos assumirmos como húmus^x em vez de humanos, deixando de lado as humanidades, para praticar as “humusidades”. Afinal, afirma Haraway, somos um composto que, emaranhados, tornamo-nos mutuamente. Segundo a pesquisadora,

alguns especialistas pensam em *anthropos* como “aquele que olha para cima”, aquele que está ligado à terra, é da terra, mas olha para cima, fugindo das forças elementais e abissais, “astralizadas”. “Humano” é uma imagem melhor para nossa espécie, se quisermos uma palavra específica, por causa de sua ligação com húmus, compostagem. Ao contrário do *anthropos*, o húmus não é olhar para cima; é sobre ser quente... Rusten Hogness criou “humusidades” para substituir “humanidades”. O “homo” precisa se re-enraizar no húmus, não se deixar arrebatado em um *anthropos* apocalíptico. (HARAWAY, 2015, p. 259-260).

Multi-espécies-em-vir-a-ser, multi-espécies co-criando, fazendo-juntos. Crescer em um ciclo contínuo com o mundo, coabitar o lugar, pertencer e fazer espaços. Criar



raízes e lançar sementes. Como afirma Ana Tsing: “a natureza humana é uma relação entre espécies.”^{xi}

Referências

SILVA, Maria Betânia e; AMARAL, Maria das Vitórias do; COSTA, Robson Xavier da (Orgs.). Memórias plurais em artes visuais. Recife - PE: Editora Universitária da UFPE, 2019.

DAVIS, Heather and TURPIN, Etienne (ed.). Art in the Anthropocene, Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies. London: Open Humanities Press, 2015.

DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. ClimaCom [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, dezembro 2016. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atencao/#_edn1. Acesso em: 02 out. 2023.

FERREIRA, Adlane. FUNGOS: Os primórdios do sexo. Minas Gerais, 2005. Laboratório de Genética Molecular e Microrganismos/UFMG. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/grad/genetica/artigo-%20sexo%20dos%20fungos.pdf>. Acesso em: 30 out 2023

HARAWAY, Donna; KENNEY, Martha. Anthropocene, Capitalocene, Chthulhocene, Donna Haraway in conversation with Martha

Kenney. In: DAVIS, Heather and TURPIN, Etienne (org.). Art in the Anthropocene, Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies. London: Open Humanities Press, 2015, pp. 255-270.

JACOB; CINTRA; ALMEIDA. Culinária Selvagem: Saberes e receitas de plantas alimentícias não convencionais. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2020.

KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRENAK, Ailton. Plantas Mestras: Florescer. Rio de Janeiro: Selvagem, 2022. Dantes Editora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bttUU0UA2PA>. Acesso em: 04 ago. 2023.

LABFICC; PINHEIRO, Daniela Albini; ARTIOLI NETO, Flávio; NORONHA, Isabela; LIMA DOS SANTOS, Lucas; AUTRÁN, Rodrigo;

PIMENTA, Pedro. Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta. / organizado por Joana Cabral de Oliveira et al. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020. 386pp., 38ils.

SIMARD, Suzanne. A árvore mãe: Em busca da sabedoria da floresta. / Suzanne Simard. Tradução: Laura Teixeira Motta. - 1a ed. - Rio de Janeiro. Zahar. 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. 1ª edição. Tradução: Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N1 Edições, 2022.



“Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”.
Tradução: Pedro Castelo Branco Silveira (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil). Ilha, v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015. Santa Catarina: 2015

Notas

ⁱ Formando em Artes Visuais no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, (UFRN). Membro do grupo de pesquisa em arte contemporânea Zeitgeist e do grupo de estudo e experimentação em arte contemporânea GINGA (DEART/UFRN). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, (UFRN), Campus Universitário Lagoa Nova · CEP 59078-900 · Caixa postal 1524 · Natal/RN – Brasil. Email: diegodionisio@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9140328391561154>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9654-988X>

ⁱⁱ Artista e pesquisadora, com pós-doutorado em Artes Visuais (UNESP/SP), professora e coordenadora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CLAV/UFRN), Campus Universitário Lagoa Nova · CEP 59078-900. Natal/RN – Brasil. Email: regina.johas@ufrn.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9105827034671306>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2665-4518>

ⁱⁱⁱ KRENAK, A. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bttUU0UA2PA>.

^{iv} HARAWAY, 2015, p. 256.

^v Sym-poietic, conceito criado por Haraway, diz respeito a práticas de comunidades, que acabam gerando modos de fazer junto, e consequentemente conceitos que são “terminologias sym-poietic (feito-junto-com: poiesis enquanto fazer, sym enquanto junto-com). Esses termos e ideias são feitos junto com muitas outras pessoas”. (HARAWAY, 2015, p. 256) .

^{vi} O conceito de vozes vegetais vem de Pedro Pimenta. Para ele, “a voz era uma prerrogativa humana, consumada no exercício de parte da anatomia própria de nossa espécie... Já os animais, silenciosos, convivem entre si e com os humanos, mas são privados da fala, seres incompletos... Quanto aos vegetais, eram relegados, como mostrou François Delaporte, à categoria de “um reino secundário”... A história natural tem agora a seu dispor as condições para que o vegetal também possa falar, e mostrar, por assim dizer, o seu modo de atuação”. (PIMENTA, 2020, p.26).

^{vii} “São células interconectadas umas às outras formando estruturas filamentosas (as hifas), cada nova divisão faz o corpo do fungo (o micélio) crescer radicalmente, de tal modo que um só indivíduo pode atingir quilômetros de extensão.” (FERREIRA, 2005, p. 34 e 35).

^{viii} Todos os seres vivos emergem e fazem suas vidas dentro de comunidades multiespécies. Como Gregory Bateson coloca, a unidade fundamental da sobrevivência é o organismo-em-seu-ambiente. A vida não pode surgir e ser sustentada de forma isolada. Mas, as relações têm histórias. Além de uma troca ecológica equilibrada os organismos estão situados dentro de profundas, e emaranhadas histórias. E assim, para além da mera sobrevivência, formas particulares de vida, em toda a sua diversidade resplandecente, emergem de padrões entrelaçados de viver e morrer, de ser e tornar-se, em um mundo maior. (DOOREN, 2016, p.39).

^{ix} “As PANC (Plantas Alimentícias não Convencionais) são plantas comestíveis, exóticas ou nativas, que geralmente não são facilmente reconhecíveis ou disponíveis para compra pela população em geral. É essencial destacar que o critério de não convencionalidade é sempre relativo aos termos de geografia e cultura” (JACOB, 2020, p. 28).

^x“O húmus é a camada negra e oleosa do solo da floresta que fica entre a serapilheira, composta de acículas e plantas em decomposição, e solo mineral formado pelo desgaste do leito rochoso abaixo. O húmus é o produto da decomposição vegetal. É onde são sepultadas as plantas, insetos e arganazes mortos. A composteira da natureza”. (SIMARD, 2022, p.25).

^{xi} TSING: 2015, p. 184